
O SENTIDO DE GAIA CIÊNCIA EM NIETZSCHE¹

Robione Antonio Landim²
Ana Emília de Miranda Barbosa Martins³
Bárbara Tomaz Dias Nascimento⁴
Bernardo Martins Milagres⁵
Bruno Diego Santos Pereira⁶
Genilson Pereira Martins⁷

Resumo

O presente artigo se propõe a compreender o sentido de gaia ciência em Nietzsche. A leitura da obra que leva esse título nos mostra que a ciência desempenha um papel relevante no segundo período do pensamento do filósofo. Ela carrega um potencial crítico que atua em vista de desmascarar o engodo e prejuízos morais. Se Nietzsche continua a valorizar o método científico em virtude de seu potencial crítico e de sua disciplina intelectual, contudo, se torna uma vez mais crítico da ciência enquanto tal e de várias teorias científicas dominantes, considerando-as fundamentadas nos mesmos valores do niilismo religioso. Percebe-se, ao longo do texto, uma forte crítica à busca de verdade presente na ciência. A ânsia por verdade significa negar a vida. A oposição nietzschiana à seriedade metafísica fica evidente. A partir desse embate, mostraremos que conhecer é interpretar, e que o espírito científico se inicia quando a convicção se reconhece como um ponto de vista experimental e provisório.

Palavras-chave: Nietzsche. Ciência. Verdade. Perspectivismo. Vida.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do projeto de iniciação científica que se propôs a compreender o sentido de gaia ciência em Nietzsche. Para tanto,

¹ O presente artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica – O sentido nietzschiano de gaia ciência - desenvolvido ao longo de 2023, com o financiamento do UniAcademia.

² Docente do Centro Universitário Academia. E-mail: robionelandim@uniacademia.edu.br.

³ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: anademirandabm@gmail.com

⁴ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: barbaradiasbabu@gmail.com.

⁵ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: bernardommmilagres@gmail.com

⁶ Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: 22brunodiego@gmail.com.

⁷ Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: genilsonmartins94@gmail.com.

valemo-nos do estudo e compreensão dos aforismos que compõem a obra **A gaia ciência** (doravante GC⁸). Nosso grupo de pesquisa é interdisciplinar, integrando um professor orientador e 5 discentes dos cursos de Filosofia e Psicologia.

A gaia ciência busca por um saber alegre, um saber mais próximo da vida e da natureza, onde o erro e a dúvida possam ser incorporados. Dessa maneira, a ciência alegre nietzschiana busca se desvencilhar-se da moral, com seu ressentimento e mau entendimento do corpo, rumo a leveza e o enobrecimento da vida e do conhecimento incorporado ao homem em sua integralidade (NIETZSCHE, GC, Prólogo, §1). “Portanto, a força do conhecimento não está em seu grau de verdade, mas no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida” (NIETZSCHE, GC, §110), um conhecimento que se torna parte da vida. A vida não é argumento, entre as condições para a vida poderia estar o erro.

Nietzsche, portanto, vai evidenciar que o homem não é essencialmente a sua racionalidade, mas o seu instinto ou impulso, isto é, ele não é um animal superior aos outros, a sua natureza não pode ser definida por fórmulas metafísicas e supra histórica. O homem não é apartado da natureza e da sua corporeidade. A consciência é entendida como último e derradeiro desenvolvimento do orgânico.

A expressão *gaya scienza* era utilizada pelos trovadores provençais (Sudoeste da França e parte da Itália) nos séculos XI a XIV para designar sua arte. Para Nietzsche, ela significa a alegria de quem recuperou a saúde após ter sofrido muito com a doença, e a afirmação da existência, o que envolve viver como se criássemos uma obra de arte (nós mesmos e o mundo). Conforme Nietzsche, o livro d'**A gaia ciência** foi escrito com “um espírito que pacientemente resistiu a uma longa, terrível pressão [...], e que repentinamente é acometido pela esperança, pela esperança de saúde, pela embriaguez da convalescença” (NIETZSCHE, GC, Prólogo, §1). Este livro é júbilo da força que foi recobrada, é a volúpia de uma triunfante gratidão; também é a celebração de novas aventuras, de novas possibilidades que se abrem. Trata-se de uma obra

⁸ É consensual, ao citar trechos dos escritos de Nietzsche, se referir sempre a sigla da obra em questão, seguido do número do aforismo citado. As siglas para as obras nietzschianas usadas neste estudo são: VM (1978), HDH (2005), GC (2001), CI (2006).

marcada por uma disposição de ânimo e por um esforço capaz de multiplicar as perspectivas, para poder compor uma imagem mais plena das coisas, embora nunca total.

2. A GAIA CIÊNCIA: UM PERÍODO CIENTÍFICO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE?

Ao lado de **Humano, demasiado humano** e **Aurora**, **A gaia ciência** está situada no segundo período da filosofia nietzschiana. Nele permanece dominante a perspectiva de valorização da racionalidade científica, mas de uma ciência alegre (“gaia”), cujo sentido mostraremos adiante. Por enquanto, é importante indicar o lugar d’A gaia ciência no interior do pensamento nietzschiano. A leitura da obra nos mostra que a ciência desempenha um papel relevante nesse momento. Ela carrega um potencial crítico que atua em vista de desmascarar o engodo e prejuízos morais; explicar nossos sentimentos morais conforme o conhecimento propiciado pelas ciências naturais⁹; desvelar os sentimentos religiosos, morais e científicos. **A gaia ciência**, portanto, posiciona-se na filosofia de Nietzsche com os aspectos “iluministas”, com sua reflexão de moralista e de crítico da cultura.

O que se delineia já na *Gaia ciência* é um pensamento que não “descreve” as estruturas do ser, como pretendia fazer o pensamento metafísico precedente; entre as “estruturas”, a descrição delas e o próprio sujeito que escreve ou a quem o escrito se dirige, existe para Nietzsche uma ligação mais complexa, não mais espetacular-representativa (VATTIMO, 2010, p. 263).

Para Nietzsche, a ciência não é uma máquina de descobrir verdades; por trás desta máscara, ela constrói suas verdades, ficções úteis para a sobrevivência e manutenção da espécie ou da sociedade humana (NIETZSCHE,

⁹ Em **Humano, demasiado humano**, Nietzsche tomará a ciência não como lugar de verdade absoluta, mas como um método que permite o exercício da dúvida, desprovida de fanatismo. Servindo-se da filosofia histórica — que, neste caso, se embaralha com a ciência natural —, Nietzsche se opõe à filosofia metafísica que depois da fixação parmenidiana da oposição entre ser e não ser que pode ser considerada na origem, negou “a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais de alto valor uma origem miraculosa, diretamente do âmago e da essência da ‘coisa em si’” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15). Através da filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos, Nietzsche indica que essa impossibilidade da conversão dos opostos um no outro é um erro de raciocínio precisamente do exagero da concepção popular ou metafísica. Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche contrapõe a chamada “filosofia histórica” à tradicional “filosofia metafísica” (NIETZSCHE, HDH, §1, 2005, p. 15).

VM, §1), ou para haver condições de crescimento de potência, ou seja, para a autossuperação, como no contexto de seus últimos textos.

Ainda que Nietzsche tenha tido a grande iluminação que o fez descobrir a ideia em torno da qual girará todo o seu pensamento de agora em diante, a saber, a ideia do eterno retorno do mesmo (NIETZSCHE, GC, §341), esta não se mostra nem se pode descrever em um enunciado como uma “estrutura verdadeira” do ser (VATTIMO, 2010, p. 264). Esta experiência é uma razão para a utilização da poesia em *A gaia ciência*, que segundo Vattimo, testemunha a “superação do estilo aforístico e o esforço de encontrar uma forma expressiva mais conforme aos novos conteúdos” (VATTIMO, 2010, p. 264).

Nietzsche indica que o “espírito científico deve introduzir dúvida e desconfiança contra a certeza, pois não se agarra às suas hipóteses com fanatismo, não considera suas opiniões como convicções” (FREZZATTI JÚNIOR, 2017, p. 143). A dúvida se mostra sob o riso: “Rir de si mesmo, como se deveria rir para fazê-lo *a partir da verdade inteira* – para isso os melhores não tiveram bastante senso de verdade até hoje, e os mais talentosos tiveram pouco gênio! Talvez ainda haja um futuro também para o riso!” (NIETZSCHE, GC, I, §1). Não tiveram senso da verdade, porque não souberam ainda reconhecer que a tese “espécie é tudo, o indivíduo, nada” é uma criação para a conservação da espécie. Somente quando esta tese for incorporada à humanidade e a cada um, em cada instante, estiver livre o acesso a essa derradeira libertação e irresponsabilidade, então o riso se mostrou uma sabedoria; somente assim haja uma *gaia ciência*. O futuro do riso ou uma *gaia ciência* dependerá da incorporação que a existência realizar de si mesma. Por enquanto ainda é bem diferente; ainda é o tempo das morais e religiões. Ou seja, nesse contexto, ainda se acredita trabalhar no interesse de Deus e como seus enviados, em vez de reconhecer como promotores da espécie.

Vattimo (2010) também compreende **A gaia ciência**, deixando-se guiar pela indicação do espírito de convalescença, que o próprio Nietzsche dá no prefácio de 1887. A experiência intelectual ali refletida é ainda a da primeira grande “cura” de Nietzsche, a que marcou seu afastamento do wagnerismo e do schopenhauerismo da juventude, que haviam dominado seus primeiros escritos. Segundo ainda o italiano, o espírito de convalescença

Indica a característica fundamental de um pensamento que deseja ir além da metafísica (aquele que Nietzsche também chama, com um termo sucinto, o platonismo: a ideia de que se possa restituir o múltiplo ao uno, o devir ao imóvel etc) sem se limitar a invertê-la conservando suas características; são desse tipo todas as revoluções antimetafísicas que se limitam a substituir um 'princípio' por outros princípios que, ainda que diversos, cumprem a mesma função: a matéria substituída pelo espírito, o homem substituído por Deus, o desejo substituído pela lei, e similares (VATTIMO, 2010, p. 271).

Entretanto, **A gaia ciência** também é um período intermediário. Ou seja, ela anuncia a transição para a terceira etapa do filosofar nietzschiano, o período tardio da filosofia de Nietzsche que compreende o texto de Zarathustra em diante. Se Nietzsche continua a valorizar o método científico em virtude de seu potencial crítico e de sua disciplina intelectual, contudo, se torna uma vez mais crítico da ciência enquanto tal e de várias teorias científicas dominantes, considerando-as fundamentadas nos mesmos valores do niilismo religioso. Qual é o cerne da crítica de Nietzsche à ciência já presente em **A gaia ciência**, especialmente no livro V? Sobre esse assunto veremos a seguir.

3. A CRÍTICA DE NIETZSCHE À CIÊNCIA

Em 1882, em Gênova, Nietzsche escreveu **A gaia ciência**. Ela também faz parte do segundo período da filosofia nietzschiana, no qual o autor se volta mais para as ciências naturais, deslocando para segundo plano o interesse anterior pela arte. Há uma valorização da ciência. Trata-se de um modo de fazer ciência que se antagoniza à seriedade da metafísica tradicional. Nietzsche se utiliza da ciência como um potencial crítico para desmascarar as contradições da metafísica e da cultura e o desenvolvimento desse empreendimento ficará a cabo da gaia ciência com a sua postura convalescente e perspectivista.

Na obra **Humano, demasiado humano** (2005), especificamente no capítulo primeiro, Nietzsche evidencia que a postura que foi assumida pela filosofia metafísica foi de negação do caráter do devir, da contradição e do erro. Isto é, o problema do originar das coisas foi superado pela metafísica através da sua suposição que elas são de origem elevada e miraculosa. Entretanto, a ciência histórica que já não se pode mais conceber como distinta das ciências naturais constatou que não há opostos, além disso, a ciência histórica descortinou que é a química (matéria ou devir) é o substrato das coisas.

Nietzsche tece suas críticas à maneira de conhecer da tradição, ou seja, esse método de conhecimento que se detém na busca da verdade do objeto, na busca de imutáveis leis matemáticas da natureza. Para esse modo de fazer ciência, as verdades são eternas ou fixas e as leis estão na natureza pronta para serem desveladas pelo homem. Nesse sentido, não há criação e o caráter do devir é negligenciado. Assim sendo, o que caracteriza essa ciência, segundo Nietzsche, é a vontade de verdade. Mas “Esta vontade absoluta de verdade: o que será ela? Será a verdade de não se enganar? Será a vontade de não enganar?” (NIETZSCHE, GC, §344).

Essa vontade de verdade da metafísica e das ciências que carrega as suas raízes pode ser interpretada como não querer se enganar e a vontade de não enganar. Mas quais são as razões para essa tal pretensão? No diagnóstico nietzschiano, a razão para essa pretensiosa vontade de não se enganar se justifica pela suposição que ela é prejudicial, perigosa e funesta para o indivíduo. Assim, a verdade é mais necessária do que qualquer outra coisa; a crença que repousa nela é o seu grau de utilidade.

Qual o grau de utilidade da vontade de verdade? Quer dizer, o problema não é o engano ou ser enganado, mas o efeito que o engano pode trazer (SOUSA, 2011). Nisto a verdade e a mentira estão a serviço da conservação da espécie. A objeção a tudo que é contraditório e instável se justifica pela viabilização da vida gregária. Nesse sentido, a ciência seria uma esperteza e uma precaução. A imperiosa vontade de verdade quer dominar, controlar para afastar de si a morte. E sendo assim, os instintos de fraqueza e de medo estão diluídos nesse querer. De modo claro, a exigência por querer ter algo firme, a exigência de certeza, a necessidade de fé, de apoio, de amparo, e crença na metafísica são elementos que constituem a vontade de verdade dessa ciência pinçada no bisturi nietzschiano. Essa exigência de verdade se aplica a não querer enganar a mim mesmo. Todo esse esforço de reivindicação da metafísica e das ciências versa sobre o tornar-se as coisas previsíveis e controladas.

Paralelo a isso, a sua ambição é legislar sobre a natureza e sobre a vida, negando os seus aspectos de aparências e de erros. Em suma, todas essas exigências, seja a da metafísica ou das ciências positivista, são necessidades de ter apoio, de ter firmeza e de ter suporte para o homem e a raiz do querer conhecer é o instinto de medo.

Alguns ainda precisam da metafísica; mas também da impetuosa exigência de certeza que hoje se espalha de modo científico-positivista por grande número de pessoas, a exigência de querer ter algo firme (enquanto, no calor desta exigência, a fundamentação da certeza é tratada com maior ligeireza e descuido): também isso é ainda a exigência de apoio, de suporte, em suma, o instinto de fraqueza que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo, mas as conservas (NIETZSCHE, GC, §347).

A exigência de certeza engendra uma crença no mundo que tenha que ter a sua conformação e medida no pensamento humano. Isto é, fixado e ao mero serviço da razão. E a única interpretação justificável dessa ciência é o seu sentido mecanicista. Em outras palavras, a submissão do mundo as pretensões de utilidade e de verdade é o que caracteriza esse saber. Saber que admite contar, calcular, pesar, ver e pegar. Esse pensamento carrega uma compreensão do que a doutrina das leis primeiras e últimas é a mecânica. Ou seja, as coisas estão conforme o pensamento do indivíduo e a exercício de suas pretensões.

Nietzsche evidencia criticamente que na grande maioria das pessoas o intelecto é uma máquina pesada, escura e reigente, difícil de pôr em movimento (NIETZSCHE, GC, 327). Isto é, esse conhecer é uma obrigação, não há espaço para o riso e para a dança. Essa vontade de certeza não se abre a incorporação da existência e do mundo. Não há uma flexibilidade neste conhecer. A esse modo de conhecer contrapõe-se uma gaia ciência.

Para Wilson Antônio Frezzatti (2017), a negação do mundo enquanto um fluxo contínuo de vi-la-ser está assentada, na verdade, como valor supremo da ciência. Também podemos perceber que a convicção na qual repousa, de que a verdade é mais importante do que qualquer outra coisa. Em outras palavras, esse saber não incorporou o erro, eles são demasiado humanos. Não há espaço para contradição. Além disso, a tradição metafísica não concebeu a consciência como algo historicizada e como um desenvolvimento do orgânico. O alicerce dessa ciência não permitiu cidadania aos instintos e as convicções. A verdade ainda é um valor divino para esse operar científico.

A nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica também nós que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina (NIETZSCHE, GC, 344).

Essa concepção científica foi engendrada por Sócrates na Grécia antiga, no século V a.C. A partir de então o mundo foi compreendido como ordenado e

dirigido por leis estáveis. Como dito anteriormente, essa compreensão acreditou que a consciência é capaz de conhecer a verdadeira estrutura do ser de forma clara e distinta. Porém, afirma Nietzsche, uma interpretação do mundo, tal como a entendem, é uma das mais estúpidas e pobres de sentidos de todas as interpretações que existem. Contra essa perspectiva, o filósofo alemão declara que “um mundo essencialmente mecânico seria um mundo essencialmente desprovido de sentido” (NIETZSCHE, GC, § 373).

Nietzsche, contudo, não nega a ciência, o conhecimento. O filósofo coloca em dúvida o próprio conhecimento, traz a desestabilização ao círculo onde muitos se sentem em segurança. Dito de outro modo, o homem diante de sua condição existencial necessita de terra firme para se ancorar. Nietzsche chama essa classe de “os crentes e a necessidade de crer” (NIETZSCHE, GC, §347). A sua expansão está condicionada o quanto de fé e de terra firme eles tem para se segurar. O sintoma de fraqueza não os deixa se equilibrar sobre as cordas e as possibilidades da existência. A necessidade de ter alguém comandando o seu agir é o que justifica a necessidade de crer. A maioria das pessoas necessita de um príncipe, uma classe, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência partidária que possa comandar a sua vida. Antes o nada do que ninguém.

“Por que ciência? Leva de volta ao problema moral: *para que moral*, quando vida, natureza e história [*Geschichte*] são imorais? ” (NIETZSCHE, GC 344). A negação do mundo enquanto um fluxo contínuo de vir-a-ser está assentada, na verdade, como valor supremo. Conforme Nietzsche, “a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica*” (NIETZSCHE, GC, 344, grifo do autor). Entretanto, “[...] também nós que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina...” (NIETZSCHE, GC, 344). Enfim, Nietzsche interroga a vontade de verdade que perpassa a ciência, a fim de mostrar que o conhecimento não é a expressão objetiva da realidade, mas está intrinsecamente ligado à vida. Nesse sentido, o que significa conhecer? Sobre isso veremos a seguir.

4. A CIÊNCIA COMO INVESTIGAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Vimos que para Nietzsche, não há verdades absolutas ou fixas para serem reveladas ou descobertas; além disso, as leis não estão na natureza esperando serem descobertas, mas são criadas pelo próprio homem. O filósofo alemão compreende que o conhecimento desde os primórdios da civilização foi importante para a vida humana, visto que a partir dele foi possível criar mecanismos de sobrevivência que possibilitaram a conservação da espécie humana ou para haver condições de crescimento de potência, ou seja, para a autossuperação, como no contexto de seus últimos textos.

Mas o que significa dizer que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer? O que significa a vida como meio de conhecimento? (NIETZSCHE, GC, §324).

Conhecer, então, significa criar novos valores, reconhecer os instintos como parte inerente do humano e, sobretudo ser criativo, pois esse é um aspecto determinante, que faz a vida se tornar um horizonte de possibilidades. A vida, nessa perspectiva, pode ser comparada a um artista, que está sempre se reinventando e buscando conhecer e interpretar novos personagens. Essas constantes e necessárias mudanças são experiências que são meios para o conhecimento que afirma a vida. Desse modo, a *gaia ciência* nietzschiana promove um sentido do conhecimento que não é visto como uma forma de alcançar alguma verdade absoluta, mas como objetivo de afirmar a vida. Esta não tem uma lógica e nem um modelo preestabelecido. Conforme Nietzsche, a vida é um experimento: “queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias” (NIETZSCHE, GC, §319). O que significa ser nosso experimento? Trata-se de um sentimento de apropriação da existência, de ser protagonista da própria vida e isso faz com que a vida se torne um teste que se repete constantemente “hora a hora e dia a dia”. Portanto, não existe um resultado pronto, mas sim um resultado construído paulatinamente a partir da experiência. “O homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres de cerimônia da existência e, que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos” (NIETZSCHE, GC, §54).

Na filosofia clássica, o homem do conhecimento que se ocupava em alcançar alguma verdade. Em **A *gaia ciência***, é proposto por Nietzsche à imagem do “homem do conhecimento”, uma figura ímpar e de um significado profundo, visto que ao invés de descobrir verdades, se ocupe em criar novos

valores, visões e perspectivas (GALVÃO, 2012). Quer dizer que o homem do conhecimento na perspectiva nietzschiana é aquele que não compreende o conhecimento como um fim em si, mas o considera um meio para a vida encharcada de possibilidades. O conhecimento nesse sentido tem a missão perspectivista de “prolongar a vida terrestre” como vai afirmar o filósofo alemão: “a força do não estar no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida” (NIETZSCHE, GC, §54), portanto, prolongar a condição para a vida, essa é uma simbiose perfeita sob a ótica Nietzschiana. Mas em que consiste o caráter perspectivista do conhecimento? Tal questão será abordada adiante.

4.1 O CARÁTER PERSPECTIVISTA DO CONHECIMENTO

Na seção 57 d’**Agaia ciência**, Nietzsche critica os “realistas”. Nessa oposição, ele se dispõe a combater tanto o positivismo quanto a metafísica. Ambos nada mais são do que interpretações limitadas. Conforme Marton:

O positivismo erra por ater-se aos fatos, não se dando conta de que a visão que propõe não passa de interpretação, a metafísica peca precisamente por ignorar os fatos, postulando a existência de um mundo verdadeiro em detrimento deste em que nos encontramos aqui e agora. Em suma: criticando os “realistas”, Nietzsche combate o que entende por “filosofia dogmática” (MARTON, 2014, p. 92-93).

Mas o que é a filosofia dogmática? Trata-se da crença na objetividade e a propensão ao antropocentrismo. Nietzsche não admite a ideia de objetividade entendida como uma maneira desinteressada, neutra e impessoal. Seu projeto filosófico também consiste em conceber o homem como parte do mundo e não como sujeito em face da realidade.

Toda atitude “home *contra* mundo”, homem como princípio “negador do mundo”, homem como medida das coisas, como juiz do mundo, afinal põe a existência mesma em sua balança e acha que lhe falta peso – a monstruosa fada de gosto dessa atitude nos veio à consciência e nos repugna -, já rimos, ao ver “homem e mundo” colocados um ao lado do outro, separados tão-só pela sublime presunção da palavrinha “e”! (NIETZSCHE, GC, V, §346, grifos do autor).

Nietzsche ataca tanto o antropocentrismo (comparado aos peixes) quanto a ideia de objetividade. Sua filosofia concebe a “realidade” (sempre entre aspas) constituída por paixões, afetos e impulsos. Estes se expressam por meio das palavras e das apreciações de valor. A nossa “realidade” é um feixe de

interpretações. A partir de Zaratustra, Nietzsche passa a considerar que toda existência é interpretativa. O fragmento 374 d' **A gaia ciência** diz o seguinte:

Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem 'sentido' [*Sinn*], não vem a ser justamente 'absurda' [*Unsinn*], se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente *interpretativa* – isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e auto-exame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas* nelas. Não podemos enxergar além de nossa esquina: é uma curiosidade desesperada quer saber que outros tipos de intelecto e de perspectiva *poderia* haver... Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se* ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente "infinito" para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações* (NIETZSCHE, GC, V, §374, grifos do autor).

Para Nietzsche, não há verdades ou fixas para serem reveladas. Se o conhecimento em si se mostra absurdo, o que existe são infinitas interpretações. Neste contexto, a "objetividade" será mais completa enquanto mais afetos e olhares diversos se fizerem presente. Quanto mais perspectivas o homem possuir, mais ampla será sua visão, mais poderá ver o que é necessário nas coisas. "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas [...]" (NIETZSCHE, GC, §276). O perspectivismo, portanto, é uma necessidade para o conhecimento humano, enquanto todas as experiências, sentimentos servem de estímulos para haver superabundância de vida.

A relevância do pensamento perspectivista em Nietzsche afirma-se como uma formulação crítica a todo essencialismo metafísico e à concepção de verdade enquanto adequação ou correspondência entre 'intelecto e coisa' ou 'vice-versa', seja sob a sua versão realista ou idealista. No horizonte do perspectivismo nietzschiano, a configuração da realidade a partir do intérprete e da coisa interpretada se dá de forma dinâmica. Conhecer aqui significa interpretar e não uma "explicação" clara e distinta da realidade. A proposição ou o juízo não expressa a correspondência entre 'intelecto e coisa' ou 'vice e versa'.

Ora, pretender que uma interpretação de mundo em sua particularidade e limitação ganhe *status* de "a verdade" sobre o mundo e suas leis é algo que soa absurdo para a filosofia nietzschiana. "Na medida em que o preconceito da razão nos obriga a estipular unidade, identidade, duração, substância, causa, materialidade, ser, vemo-nos enredados de certo modo no erro, *forçados* ao erro; tão seguros estamos nós que aqui está o erro" (NIETZSCHE, CI, A "razão" na

filosofia, §5, grifo do autor). Para Nietzsche, as categorias da razão como “ser”, unidade, substância são conceitos vazios que servem apenas para organizar a multiplicidade do mundo, ao invés de agarrá-lo. Constituem uma oposição ao devir na medida em que introduzem a mentira da unidade, da conservação, da duração. Por isso, eles são classificados como enganosos. Embora sejam venerados por oferecerem aspectos de estabilidade, entretanto, para o filósofo, não há ser no sentido do estável, senão como uma formação de domínio organizada. Para Nietzsche, o pensamento da estabilidade se compõe inteiramente com o pensamento da multiplicidade. Mas uma formação de domínio não “é” um, ela significa um (LANDIM, 2017).

Convém ressaltar que, para Nietzsche, a realidade está em devir, nada é fixo, tudo ganha uma forma provisória e concorre com outras formas possíveis, em um processo de embate incessante de forças também mutáveis. A interpretação não é senão uma configuração da vigência destas forças em relação com outras dinamicamente produtoras de todo possível acontecimento. Conforme Sousa: “Se conhecer é um ‘interpretar’, esse não remete a um sujeito. Interpretação, em Nietzsche, é sempre interpretação das vontades de poder, que são forças, pulsões cosmológicas, que se relacionam e, ao se relacionarem, tomam disposições múltiplas” (SOUSA, 2011, p. 14).

A partir disso, não se deve concluir que seja o sujeito uma unidade imutável e autônoma, a causa da interpretação, pois o próprio sujeito é constituído pelas relações resultantes da luta entre forças que disputam de modo constituinte todo e qualquer existente. Não há, nessa perspectiva, mais um dualismo entre mente e imaginação, sujeito e objeto. Estes elementos são ficções, criações humanas que o próprio homem ignora enquanto tal. Enfim, “tudo aquilo que se impõe em nossa consciência – as representações do mundo exterior e interior – não passa de uma construção, de uma interpretação sobre a base de elementos, cujo nexos, cuja causalidade permanecem completamente velados para nós” (COLLI, 2012, p. 585). A criação de conceitos, formas e leis, segundo essa perspectiva, não se coloca como um espelho cuja tarefa seria refletir uma realidade verdadeira. Sua finalidade não é outra senão construir um mundo para nós. Desse modo, a vontade de poder “atua” no mundo como um intérprete que organiza e possibilita a vida para nós.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa, que buscou compreender o sentido de uma gaia ciência em Nietzsche, compreendeu-se que não há verdades absolutas ou fixas para serem reveladas ou descobertas; as leis não estão na natureza esperando serem descobertas, mas são criadas pelo próprio homem. Sendo assim, o filósofo alemão compreende que a ciência não é uma máquina de descobrir verdades; por trás desta máscara, ela constrói suas verdades, ficções úteis para a sobrevivência e manutenção da espécie ou da sociedade humana ou para haver condições de crescimento de potência, ou seja, para a autossuperação, como no contexto de seus últimos textos. Neste caso, o importante não é a verdade ou a falsidade de uma proposição, mas o quanto ela contribui ou dificulta o aumento de potência.

Desse modo, todo empreendimento humano, inclusive a ciência, sempre esteve a serviço daquilo que o ajuda na “conservação da própria espécie” (NIETZSCHE, GC, I, §1). Para Nietzsche, a vontade de conhecer esteve associada ao desejo de dominar o mundo. Nesse sentido, a ciência retira seus objetos do fluxo de vi-la-ser e os estabiliza para aprendê-los e controlá-los. Por isso, a ciência moderna deu continuidade ao ideal ascético, visando principalmente a conservação da vida humana.

Entretanto, há uma forte crítica à busca de verdade presente na ciência. A ânsia por verdade significa desvalorizar a vida, na medida em que encobre e nega um fluxo mais primordial de vir-a-ser, que permite que as coisas se manifestem de múltiplas maneiras (WOODWARD, 2016). A crítica de Nietzsche à ciência não significa o seu abandono, mas apenas uma transvaloração que a rebaixa, isto é, retira-lhe a prerrogativa de um acesso exclusivo à verdade e lhe confere “à modéstia de uma hipótese, de um ponto de vista experimental e provisório, de uma ficção reguladora” (NIETZSCHE, GC, §344), enfim, a compreende numa cultura que concede o devido peso às demandas originadas da arte e da vida. Nietzsche valoriza a postura antidogmática da ciência, o seu páthos de tudo questionar. Conhecer é interpretar e o espírito científico se inicia quando a convicção se reconhece como um ponto de vista experimental, sob suspeita.

Nietzsche não aventou uma filosofia plenamente desenvolvida da ciência conforme o nome que tal disciplina carrega hoje em dia. No entanto, suas reflexões sobre o conhecimento têm importantes implicações para a filosofia da ciência. A relação de Nietzsche com a ciência permanece uma frutífera área a ser pesquisada e explorada no século XXI.

ABSTRACT

This article sets out to understand the meaning of Gaia Science in Nietzsche. Reading the work that bears this title shows us that science plays an essential role in the second period of the philosopher's thought. It carries a critical potential that acts to unmask moral deceptions and prejudices. Although Nietzsche continues to value the scientific method because of its critical potential and intellectual discipline, he becomes increasingly critical of science as such and various dominant scientific theories, considering them to follow the same values as religious nihilism. Throughout the text, there is a strong criticism of the search for truth in science. The desire for truth means denying life. Nietzsche's opposition to metaphysical seriousness is evident. From this clash, we will show that to know is to interpret and that the scientific spirit begins when conviction recognizes itself as an experimental and provisional point of view.

Keywords: Nietzsche. Science. Truth. Perspectivism. Life.

REFERÊNCIAS

COLLI, G. Os fragmentos póstumos do outono/inverno de 1887-1888 (Grupos 9-12). In: NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos**: 1887-1889: volume VII, 2012, p. 585.

FREZZATTI JÚNIOR, W. A. Nietzsche e a ciência: um ensaio sob a perspectiva da relação entre ciência, metafísica e arte. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, n. 2, vol. 9, pp. 102-115, 2017.

GALVÃO, T. M. de O. Para além da ciência: por uma gaia ciência. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL, 2012.

LANDIM, Robione Antonio. Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche. **Tese** (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade federal de Juiz de Fora – UFJF, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR, 2017. Disponível em: <
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5623/1/robioneantoniolandim.pdf>>. Acesso em 22/11/2023.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a arte de decifrar enigmas**: treze conferências europeias. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos, ou como se filosofa com o martelo**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SOUSA, Mauro Araújo de. **Nietzsche**: para uma crítica à ciência. São Paulo: Paulus, 2011.

VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WOODWARD, Ashley. **Nietzscheanismo**. Tradução Diego K. Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.